

**A CEIA DOS
CARDEAIS PARODIADA POR
AMADOR SANTELMO¹**

*THE CEIA DOS CARDEAIS
PARODIED BY AMADOR
SANTELMO*

Jacqueline Penjon^{2*}
Sorbonne Nouvelle

*O que ninguém calcula é como
A Ceia dos Cardeais tem servido
para a macacaria literária dos
dois mundos se rever em esgares
e alexandrinos que é uma con-
solação³*

1 Este artigo é uma nova versão, ampliada, do artigo « Avatares brasileiros de *A Ceia dos Cardeais* : o caso Amador Santelmo » publicado in Tavares, Ana Paula; Weigert, Beatriz; Lousada, Isabel (orgs) - *Ensinar o Brasil a toda a gente* (Homenagem a Vania Pinheiro Chaves), Lisboa, Theya, p.429-442. 2017

2* Professora da Université Sorbonne Nouvelle – Paris - França

3 Albino Forjaz de Sampaio, *Homens de letras*, Lisboa, Ed. Guimarães, 1930, p. 41.

A 24 de março de 1902 estreia no Teatro D. Amélia um dos textos de maior êxito da dramaturgia portuguesa, *A Ceia dos Cardeais*. O Visconde de São Luiz Braga⁴, empresário do teatro, encomendara a peça em um ato a Júlio Dantas, para a festa artística do ator João Rosa. Com uma encenação maravilhosa, uma mesa com serviço de Sèvres azul e ouro, pratas e cristais, a luxuosa ceia com faisão assado e Moët & Chandon nas taças foi o « clou » daquela noite de festa. O texto, dedicado « ao ilustre poeta Conde de Monsaraz », foi editado logo depois pela Tavares Cardoso & irmão de Lisboa. Escrita em alexandrinos emparelhados, a peça desenvolve três concepções do amor: no Vaticano, (no pontificado de Bento XIV), na ceia, três cardeais, um francês, Cardeal Montmorency de 60 anos, um espanhol, Cardeal Rufo de 63 anos e um português, Cardeal Gonzaga de Castro, de 81 anos, através de monólogos interrompidos aqui e ali por frases de louvor ou de apoio, revelam as aventuras amorosas que viveram na juventude. A peça, que conta mais de cinquenta edições e outras tantas traduções, transformouse em clássico do teatro mundial. A França, por exemplo, ganhou quatro traduções em duas décadas : *Le réveillon des cardinaux*, por Celestino Soares, publicada em Lisboa, em 1903⁵; a segunda, *Le Souper des cardinaux* por Hippolyte Pujol foi publicada em São Paulo (1911) ; a terceira, *Le Souper des cardinaux*, por Amédée Varin d’Ainvelle, publicada em Paris (1919), é admitida na Comédie Française no repertório de Gabriel Signoret (1878-1937) ; finalmente, a quarta, é uma adaptação feita por Didier Gold (1874-1931).

A Ceia dos Cardeais foi muito lida e representada no Brasil. Estreou em 10 de outubro de 1902, pela Companhia Dramática

4 De ascendência portuguesa, Braga Júnior, nasceu no Brasil, no Rio Grande do Sul em 1850. Fez fortuna após a implantação da República e veio se estabelecer definitivamente em Lisboa. D. Carlos I outorgou-lhe em 1891 o título de Visconde de São Luiz Braga depois de lhe ter cedido terrenos da casa de Bragança em Lisboa para a construção do teatro D. Amélia do qual foi um dos proprietários. O Teatro, hoje Teatro São Luiz, foi inaugurado em 22 de maio de 1894 com a presença do Rei D. Carlos e da Rainha D. Amélia.

5 Foi a primeira tradução da peça ; no ano seguinte houve uma para o alemão e a maioria das outras saem entre 1910 e 1930.

Afonso Tavares, no Teatro Apolo⁶. Seguiram-se diversas montagens no decorrer dos anos, muitas com atores famosos como Leopoldo Fróes, João Barbosa, Procópio Ferreira, Paulo Gracindo, Raul Cortez, etc. Nos anos 30, o Rádio Clube Paranaense integrou a peça no seu programa de rádio-teatro. Em São Paulo, destacaram-se as representações de 1927 e de 1954 na homenagem ao IV Centenário da cidade. Foi marcante, em 1953, no Festival do Rio de Janeiro, a montagem sob a direção de Bibi Ferreira que contratou três excelentes atores, Jaime Costa, João Villaret e Sérgio Cardoso que

deram vida, calor e um encanto todo especial àquela tríade de confissões, cada qual com o seu gesto adequado com o temperamento próprio das três personagens, tirados, como é óbvio, das próprias narrativas, retrato de três almas e até de três pátrias.⁷

Ilustraram-se nas representações e levaram a montagem do teatro carioca para a Televisão.

A fama de Júlio Dantas era tal que uma palavra sua consagrava definitivamente um autor.⁸ Seus versos inspiraram o compositor paraense Arthur Iberê de Lemos (1901-1967) que compôs a ópera *Ceia dos cardeais* incluindo quase a totalidade do texto da peça. Começou a composição em 1925 – tinha então 24 anos – terminou em 1933 e concluiu a orquestração em 1942.⁹ Em 1963, em Belo Horizonte, no teatro Francisco Nunes, realizou-se a primeira audição integral da obra; ainda em 2015, ela foi representada no Festival de Belém. A sétima arte também bebeu a essa fonte, assim, o cineasta carioca Domingos de Oliveira com seu filme *Juventude*, de 2008. Para citar só mais dois exemplos, o poeta Vinicius de Moraes falou várias vezes da importância que Júlio

6 O Teatro Apolo, na rua do Lavradio, inaugurado em 1890 encerrou suas atividades em 1916 com a morte de seu proprietário, Celestino da Silva. Registrou grandes sucessos, apresentou artistas consagrados portugueses ou brasileiros; era o teatro preferido das Companhias portuguesas (Afonso Taveira, etc.).

7 *A Noite*, 26 de novembro de 1953. Artigo assinado Ney Machado.

8 Prefaciado por ele, o *Juca Mulato* de Menotti del Picchia, tornou-se inquestionavelmente obra-prima da poesia brasileira.

9 *Correio da Manhã*, 18-01-1950.

Dantas teve na sua formação. Declarou que escreveu aos quatorze anos um poema chamado *Os Três Amores*, imitação de *A Ceia dos Cardeais*¹⁰ e o célebre ator Antônio Fagundes conta que pisou no palco com quatorze anos de idade, na *Ceia dos Cardeais*, montada pelo grêmio do colégio Rio Branco, o que determinou sua carreira.

A *Ceia dos Cardeais* é, talvez, a obra mais parodiada da literatura. Só se parodiam as obras que se tornam populares e que apresentam características relevantes. Já em 1927, Henrique de Campos Ferreira Lima num ensaio bibliográfico¹¹, tenta dar uma lista, *tanto quanto possível completa*, diz ele, dessas paródias. Chega a 49 entre as quais 8 são brasileiras. É interessante notar que certas paródias surgem no mesmo ano da publicação da autêntica *Ceia dos Cardeais*: 3 em Lisboa, uma no Porto e mais estranho, 3 no Rio de Janeiro (*A Ceia dos Coiós* de Alfio Stella e Aristo Phanio ; a *Ceia das Cortesãs* de Pai Paulino ; a *Ceia dos Sacristães* de Demetrio Álvares, representada no Teatro Lucinda (fechou em 1909), segundo a lista citada. Encontramos uma outra paródia brasileira de 1902, esta sob forma de folhetim, escrita apenas seis meses depois da estreia lisboeta e antes de sua chegada ao teatro Apolo : « charge política » intitulada *A Ceia dos Federais*, assinada Francisco Positivista, publicada em cinco episódios no semanário humorístico carioca, *Tagarela*, de 13 de setembro a 11 de outubro de 1902.¹² Nem todos os pseudônimos escondem autores obscuros. D. Xiquete, que assina a *Ceia dos Coronéis*, é o famoso poeta, teatrólogo, jornalista e humorista Bastos Tigre (1882-1957). Sua paródia teve duas edições (1923 e 1924) e foi considerada pelo próprio Júlio Dantas, obra-prima no gênero¹³. Foi representada (nem todas sobem ao palco) no Teatro Trianon em 1923 com os atores Attila de Moraes, Jaime

10 Otto Lara Resende, *Vinicius de Moraes, encontros*, Rio de Janeiro, Azougue ed., 2007, p. 26.

11 Henrique de Campos Ferreira Lima, *As paródias na literatura portuguesa*, Lisboa, Solução, 1930. O ensaio foi escrito em 1927. Dez páginas em 92 são dedicadas a Júlio Dantas – *A Ceia dos Cardeais*.

12 O texto publicado alguns meses antes em Lisboa, circulou imediatamente. Um nota no *Tagarela* de 15 de novembro de 1902 indica que o folhetim que agradou muito foi impresso num belo volume pela Typographia Altina. *A Ceia dos Federais* será objeto de outro estudo.

13 Cf. Bastos Tigre, *Reminiscências : a alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente*, Brasília, Thesaurus, 1992, p. 201.

Costa e Procópio Ferreira¹⁴. Como vimos, quase todos os ofícios ou categorias aparecem nos títulos; podemos acrescentar: *A Ceia dos Estudantes*, representada no teatro Politeama de Porto Alegre (1905), *A Ceia dos Generais* (1917), *A Ceia dos Presidentes* (1924), *a Ceia dos Almirantes*, *a Ceia dos Marechais*, *a Ceia dos Funcionários públicos*, etc. a lista seria longa demais. Hoje o total das paródias beira a centena, boa parte sendo brasileira. Como escreve Elias Thomé Saliba, “a paródia foi, talvez, a forma privilegiada para representar a vida brasileira”.¹⁵ Não podemos deixar de mencionar, da autoria do mestre paulista das paródias burlescas e satíricas, Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933), conhecido pelo pseudônimo Juó Bananére, *A Ceia dos Avaccagliado*, em versos ‘macarrônicos’. Ele acrescenta a peça à nona edição de *A Divina Invenção* de 1925. E Antônio de Alcântara Machado, por sua vez, dois anos depois, à guisa de crônica, publica no *Jornal do Comércio* de São Paulo¹⁶ *A Ceia dos não Convidados (peça em um átimo)*. Mais recentemente, foram editadas *a Ceia dos Caipiras* (1950) de Santos Júnior e *As três solteironas* de Aristides Vilas-Boas (1958). A peça de Júlio Dantas, portanto, continua inspirando escritores.

Pareceu-nos interessante evocar o caso de um autor, hoje totalmente esquecido, Amador Santelmo, que no intervalo de treze anos, escreveu duas paródias à *Ceia dos Cardeais: O Chá das três Estrelas* (1929) e *A Ceia dos Canibais* (1942).

Um escritor popular muito especial

Amador Santelmo é o nome literário de Antônio Narciso Roças¹⁷, natural de Portugal. Conseguimos resgatar alguns

14 *A Noite*, 20 de julho de 1923, 25 de julho de 1923 e 30 de julho de 1923.

15 Elias Thomé Saliba, *Raízes do Riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002, p. 96.

16 *Jornal do Comércio*, 22 de janeiro de 1927.

17 Alguns sites atribuem equivocadamente o nome ‘Amador Santelmo’ a Coelho Neto que utilizou uns dez pseudônimos. Só se empresta aos ricos !

elementos de seu percurso através da imprensa carioca.¹⁸ Nasceu provavelmente em 1882 e podemos supor que tenha chegado ao Rio com a família em 1890¹⁹. Como se sabe, o período é difícil, o Brasil conhece uma série de crises econômicas conjunturais (depressão da economia cafeeira, gastos enormes das campanhas militares, crise bancária de 1900, crise industrial-comercial de 1905-1906, etc.) junto com a chegada de um número crescente de estrangeiros, sobretudo portugueses.²⁰ Assim, o nome do nosso autor aparece na coluna « Supremo Tribunal Federal » do *Correio da Manhã* de 28 de dezembro de 1907 que anuncia a prisão de Albino Mendes, Antonio Narciso Roças, Abílio da Silva Pereira e Manuel Teixeira de Magalhães Bastos, em uma casa da ladeira do Meirelles, no bairro de Santa Tereza, quando se entregavam à falsificação de moeda. No Rio *Belle Epoque* existe uma verdadeira derrama de moeda falsa.²¹ A quadrilha foi condenada a 8 anos de prisão. Roças conseguiu uma redução de pena e só teve 5 anos. Na Casa de Detenção, ele estuda o português, trabalha a métrica e faz sonetos. O livro *Cinco Anos de Prisão*,²² que escreveu a pedido de editores, quando saiu da prisão, não é autobiográfico mas dá algumas pistas sobre a sua personalidade. Seu patrício e amigo Albino Mendes que assina o

18 Cf. Jacqueline Penjon, « Um detetive carioca de pai português » in Ida Alves, Eduardo Da Cruz e Sueli Campos (orgs.), *450 anos de portugueses no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Ed. Raquel, 2017 [sai em agosto]

19 Uma antiga classificação da Biblioteca Nacional indica como data de nascimento 1882 mas não foi possível conhecer a fonte ou verificá-la. Quando preso, indevidamente, em 1928 e ameaçado de deportação, Roças escreve na Casa de Detenção, uma carta que será lida no Tribunal por seu representante. Nela, declara que vive há 38 anos no Rio de Janeiro (*Diário Carioca*, 12 de outubro de 1928).

20 Cf. Nicolau Sevcenko, *Literatura como missão : tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, 2ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2003, pp. 73-74.

21 Segundo uma estatística feita por Elysio de Carvalho, diretor do gabinete de Identificação e Estatística de 1907 a 1910, nesses quatro anos, foram abertos na capital, nada menos do que 628 inquéritos sobre moeda falsa. (*A Noite*, 11-09-1911).

22 A primeira edição (1918), por imposição dos editores, foi intitulada *Os Mistérios da Detenção*, fórmula de forte potencialidade. A segunda (1925) retoma o título inicialmente dado pelo autor *Cinco Anos de Prisão*, ao qual ele acrescenta o subtítulo *Memórias do Carcere*, um piscar de olhos a Camilo Castelo Branco. Camilo preso por adultério na Cadeia da relação da cidade do Porto, publicara em 1862 suas *Memórias do Cárcere* nas quais descreve os presos e reproduz as histórias que lhe contaram a respeito de seus crimes.

prefácio da segunda edição, declara ao falar dele :

Este era um revoltado contra tudo e contra todos. Gritava, blasfemava, reclamava. Entre as paredes da cella era como um rouxinol numa gaiola. E não morreu ! Não morreu devido à ethnica resistencia incoercível da raça lusa, que das ultimas fibras forja a força austera que a alimenta, resistindo a tudo, indomavel ante a maior desgraça, forte no meio dos tormentos, revigorando-se de prompto ao bafejo mais efêmero da sorte, para fraquear de novo e de novo se fortalecer, sem jamais cair, como a estatua altiva e sublime da resignação !²³

Roças consegue publicar « Epitaphio », soneto à morte de Rio Branco, no *Jornal do Brasil*, na página « Literatura de estímulo » de 24 de março de 1912 e mais três sonetos na revista *O Malho*.²⁴ Todos os poemas são assinados Antonio Narciso Roças. O pseudônimo Amador Santelmo aparece só a partir de 1918 com a publicação de *Os Mystérios da Detenção* e as novelas policiais *Os Mystérios do Rio de Janeiro*.

Antonio Narciso Roças regenerou-se, vive de sua pena e dá aulas de métrica. Em 1919, recebe, conferido pelo acadêmico João Ribeiro, o primeiro prêmio de um concurso de contos com *O Coração da Pastorinha* (conto moral para crianças). Essas obras são publicadas sob forma de fascículos. O fascículo que surgiu na França nos anos 1840, ligado à literatura de massa, é lançado no Brasil, como brochura independente, pela revista *Fon-Fon* com as aventuras de Nick Carter em janeiro de 1910. Produto descartável, de 30 a 80 páginas, corresponde ao ritmo novo do cotidiano, ou seja, à modernização e, pelo preço muito acessível, populariza o gênero policial e de aventuras. É vendido em livraria, banca de jornais e até em porta de engraxate. Trata exclusivamente de um assunto completo. Várias editoras se especializam nessas publicações. A livraria-editora Hector Antunes criada em 1909 se torna

23 Amador Santelmo, *Cinco Annos de Prisão (Memorias do carcere)*, [2ª ed. revista e augmentada], São Paulo, Empreza Rochéa, 1925, p.6.

24 « Contraste » (*O Malho*, 3 de agosto de 1912) ; « Chimeras » (*O Malho*, 10 de agosto de 1912) e « Ser ou não ser (Solitária) » (*O Malho*, 14 de setembro de 1912).

rapidamente “o maior empório de livros populares” do Rio.²⁵ É ela que publica a maior parte das obras de Amador Santelmo, obras em prosa por fascículos (umas 68 páginas por fascículo), obras em versos sob forma de folhetos (de 12, 16 ou 32 páginas).²⁶ Outras editoras como A Modinha Popular de Joaquim Luchesi sobrinho, a editora Delattre – edição de ‘A Modinha’, a editora José Ferreira Vaz e a livraria João do Rio publicam também folhetos e obras de Amador Santelmo.

Amador Santelmo publicou mais de 50 folhetos além dos fascículos. Os temas são variados : fascículos de novelas policiais, como vimos, que tiveram duas edições (1918 e 1924); neste ano de 1924 publica uma novela policial como folhetim num jornal recém criado, a *Voz do Chauffeur*. O folhetim termina em maio de 1925 e logo depois sai o fascículo *O Automóvel da Morte*, incorporado aos *Mistérios do Rio de Janeiro*. Escreve também uma novela mística, *O Noivado do Céu* em 1918 que publica só em 1924, com segunda edição em 1957. Os temas dos folhetos (citaremos apenas alguns exemplos) são reinterpretações do folclore português ou brasileiro como: *História completa de Pedro Sem*; *José do Telhado*; *História completa de Alonso e Marina*, nova edição (1960), *História engraçada de Pedro Malasartes*, etc. Temas ligados à História e à cultura do país : *A Guerra do Paraguay* (1929), *Independência ou morte! História de D. Pedro I* (1922); *História de D. Pedro II*; *Vida, aventuras e morte de Lampião e Maria Bonita* (reedição 1958); *A Vingança de Corisco* (reedição 1958), *Romance em versos de Lampião e seu grupo sinistro* por Camaleão²⁷; *Nascimento, Amores e obra de Castro Alves* (1947); *O Mineiro que comprou um bonde* ; *Peste no Rio: versos descritivos dos horrores da Santa Casa onde se bebe o chá da meia-noite* (1918). Temas religiosos: *História*

25 Essa livraria foi criada inicialmente para a importação de livros portugueses. O dono, Hector Antunes, natural de Portugal, percebe logo a importância do mercado de literatura popular e passa a editar numerosos escritores.

26 O folheto tem o formato do fascículo ou seja 13 x 17,5. Esses folhetos são de formato igual em todas as editoras «populares» cariocas ou paulistas. O folheto de cordel nordestino é menor, geralmente 10,5x15,5.

27 Amador Santelmo utiliza este nome às vezes, como pseudônimo. Foi o nome de um pivete inteligente de 13 anos, processado por vadiagem que estava na Casa de Detenção com Roças. Santelmo deu este nome também ao ajudante do seu detetive nos *Mistérios do Rio de Janeiro*.

milagrosa de Santa Terezinha do Menino Jesus; História, milagres e oração de Nossa Senhora da Penha; O Cristo do Corcovado (1929)²⁸. Paródias: *o Estudante Brasileiro*²⁹, *O Chá das Três Estrelas*, *A Ceia dos Canibais*. À margem dessa literatura, publica um livro de sonetos, *Fagulhas – cérebro e coração* (1930) e um ensaio crítico filosófico, *O soneto luso-brasileiro*. É também autor de muitas letras de canções populares.

Como vimos, Amador Santelmo vive de sua pena e é “professor de métrica e publicista, dá lições de métrica por correspondência e vai a domicílio”, como diz o anúncio nos folhetos publicados pela H. Antunes. O jornalista Mattos Pinto na *Chronica literaria do domingo* do jornal *A Manhã* de 13 de outubro de 1929 escreve que a figura de Amador Santelmo sobressai entre os escritores populares do Rio. No entanto, lamenta o “sacrifício doloroso dos escriptores, sem nenhum amparo social” acrescenta que

Amador Santelmo é a demonstração desse facto [...] a ganância dos editores não lhe permittiram aquelle ideal, de crear uma obra, festejada como os popularissimos romances de George Ohnet, de Eugène Sue, de Dumas, o grande, de Dekobra e de Vautel, e mesmo de Pierre Benoit, que se não honram a França, não a desmerecem. [...] A vida dolorosa dos que escrevem para viver, na esterilidade do ambiente brasileiro é o único lado pathetico na literatura popular. É uma agonia horrivel esse desperdiçamento da intelligencia.

A data de falecimento do autor não ficou esclarecida. No suplemento dominical do *Jornal do Brasil* de 21 de novembro de 1959, Lúcia Rangel, autora do artigo « Literatura de cordel e música popular » declara numa nota que grande parte dos versos citados são de Amador Santelmo que « ainda está vivo, residindo em São Paulo

28 O poema é ao mesmo tempo um hino à cidade do Rio e um tema de atualidade. A estátua será oficialmente inaugurada dois anos depois (a construção durou 9 anos de 1922 a 1931)

29 O poema *O Estudante Alsaciano* (poesia dramática) do poeta português Acácio Antunes era muito conhecido, fazia parte do famoso livro *Lira popular brasileira*, coordenado por José Vieira Pontes, 6a edição, São Paulo, C. Teixeira & Cia, 1927. Juó Bananére incluiu uma paródia desse poema « O Studenti du Bó Retiro » em *La Divina Incrência*.

e que continua a versejar ». Mas Segundo o *Jornal dos Sports* de 30 de julho de 1955, junto ao « Clube do Brasil », Amador Santelmo, teria também tentado lançar o rádio esportivo. O jornalista escreve duas linhas *in memoriam*, “Amador Santelmo foi um bravo. Lutou heroicamente. Para morrer sem glória nem bens materiais. Passou. Esquecidamente.” Ainda não conseguimos um documento oficial.³⁰

As paródias à *Ceia dos Cardeais*

Os dicionários costumam definir a paródia, conceito bastante abrangente, como uma imitação burlesca de uma obra séria. Massaud Moisés dá mais pormenores :

A paródia é uma composição literária que imita, cômica ou satiricamente, o tema ou/e a forma de uma obra séria. O intuito da paródia consiste em ridicularizar uma tendência ou um estilo que, por qualquer motivo, se torna conhecido e dominante.³¹

No entanto, nem sempre a paródia visa a subversão ou a desqualificação do hipotexto. A imitação paródica oscila entre o diálogo lúdico com o original e uma sutil crítica literária.³² Estabelece-se um jogo entre o hipotexto conhecido e um contexto novo e cabe ao leitor decodificar os dois textos.

As duas paródias de Amador Santelmo nasceram em contextos diferentes, *O Chá das Três Estrelas* (1929) na época dourada do cinema americano e *A Ceia dos Canibais*, em plena segunda guerra mundial, no ano em que o Brasil declara a guerra à Alemanha nazista e à Itália fascista.

30 É de sublinhar, também, que alguns folhetos foram reeditados em 1958 e 1960 (última data encontrada).

31 Massaud Moisés, *Dicionário de termos literários*, São Paulo, Cultrix, 1999, p. 388.

32 Gérard Genette, *Palimpsestes*, Paris, Seuil, 1982.



Editora João do Rio
(acervo pessoal)



Ed. Delattre
(acervo pessoal)

O Chá das Três Estrelas

O folheto (13 x 17,5) de 32 páginas é vendido 1\$500. O texto *O Chá das Três Estrelas* (26 p.) é acompanhado de uma « cena dramática », *O Trapo* (4 p.) e de listas de publicações da Livraria João do Rio para completar o livrinho. Uma nota-epígrafe indica que se trata de uma peça em um ato, de versos alexandrinos, inspirada em *A Ceia dos Cardeais*, obra do talentoso escritor Júlio Dantas. Quase todas as paródias do nosso levantamento declinam o título *Ceia de ...* Mas com este texto, que abre uma janela sobre a vida em Hollywood, o chá condiz mais com atrizes do que ceia, aliás o título evoca também o 'Chá das Estrelas' de 10 de outubro de 1924, reunião mundana e festa no salão de chá de « A Capital », amplamente comentada pela imprensa carioca.³³ Três eram os Cardeais, três são as estrelas das companhias cinematográficas americanas : Estrela

³³ Cf. *A Noite* de 9 de outubro de 1924 ; com fotos nas revistas *Fon-Fon* de 18 de outubro de 1924 e *Para Todos* de 25 de outubro de 1924. Neste chá dançante, organizado pelo professor Duque, cada mesa foi presidida por uma das principais atrizes das companhias teatrais nacionais e estrangeiras do Rio.

Branca da First National, Estrela Azul da Paramount e Estrela Verde da Metro Goldwyn (as cores correspondem aos vestidos). O garçom que serve o chá não é nada menos que Carlito³⁴. A Cena se passa em 1924 (Hollywood), no palácio da Estrela Branca, numa grande sala com varanda, ricamente mobiliada e enfeitada com retratos, à direita, de Cecil B. DeMille, à esquerda, do diretor da Metro e no centro, de Griffith,³⁵o maior de todos. As Estrelas rivalizam em prestígio e gabam os méritos dos respectivos cineastas quando a Estrela Azul da Paramount declara :

Vamos nós ao que importa, e chega de oratória
Vae cada qual contar agora a sua história,
A pagina de amor ardente, apaixonada,
Para ver a que foi na vida mais amada.³⁶

Amador Santelmo, assim, além da forma (os alexandrinos emparelhados), consegue adequar-se também ao tema central do hipotexto. Nesses folhetos de literatura popular, a atualidade desempenha um papel importante. O leitor gosta de encontrar referências ao mundo que conhece. Em 1929, ele pode identificar facilmente os nomes mencionados na peça como « Thomaz », « Menjou », « Raymundo » ou « Rodolpho », os galãs com os quais a Estrela Azul vivia as cenas ; são atores em cartaz nos cinemas do Rio de Janeiro.³⁷A designação das Estrelas, como categoria anônima, permite um convívio imaginado com as atrizes vistas nos filmes. A Estrela Branca poderia ser Pola Negri, a Estrela Azul, Mary Pickford ou Glória Swanson e a Estrela Verde, Joan Crawford ou Greta Garbo. Em sua história de amor infeliz, a Estrela Verde « princesa

34 Charles Chaplin fora contratado pela First National, companhia comprada em 1928 pela Warner Bros.

35 Griffith era diretor da First National, companhia da Estrela anfitriã. Amador Santelmo não dá o nome do diretor da Metro Goldwyn (na realidade, em 1924 – época da ação, ela já se chamava Metro-Goldwyn-Mayer, seu diretor sendo Louis B. Mayer)

36 *O Chá das Três Estrelas*, Rio de Janeiro, Ed. João do Rio, 1929, p. 13.

37 Thomaz Meighan e sobretudo Rudolph (Rodolpho) Valentino na Paramount, se ilustraram em vários filmes de Cecil B. DeMille; Raymundo Lee, na First, fez sucesso em *O Garoto*; Adolphe Jean Menjou fez inúmeros filmes mudos e falados, por exemplo *Amor e Desengano* (distribuído pela First National), *Tristezas de Satanaz* que passavam no Rio ainda em 1927.

da Metro naquela altura », descreve o pretendente recusado, como « um grande Lon Chaney, fazendo o Quasimodo »³⁸. O Brasil torna-se presente na paródia através da dança e da música, através do terror e do sentimentalismo. A Estrela Verde dança foxtrote com seu pretendente para depois introduzir uma alusão ao maxixe: « depois dançamos shimmy, um shimmy tão bregeiro/ Que parecia mais maxixe brasileiro.»³⁹O terror está ligado ao relato da Estrela Azul. Um japonês se apaixona por ela mas é um amor não correspondido. O « nippon » pede, apesar de tudo, para ser chauffeur dela. Um dia o chauffeur muda de caminho : « O 'Packard' enfiou no ventre de um penedo/Tão cheio de negror que arrepiou de medo !/Era um tunnel, meu Deus ! O tunnel do pavor ! ». Depois de um forte suspense, a Estrela Azul consegue escapar de uma morte terrível no carro esmigalhado pelo trem. O qualificativo « tunnel do pavor » é muito evocativo para os cariocas da época. Trata-se do túnel do Rio Comprido que liga as Laranjeiras ao Rio Comprido. Afastado (na ladeira Barão de Petrópolis) e deserto, é um covil de assaltantes e criminosos. Amador Santelmo já tem páginas de suspense nesse túnel no fascículo *O roubo do Colar de Pérolas* que faz parte das novelas policiais *Os Mistérios do Rio de Janeiro* (1918).⁴⁰O romantismo surge no relato da Estrela Branca : « Pois, por ser eu casada é que vivo inda em pranto,/ por não corresponder, a quem me adorou tanto. » Um jovem brasileiro, apaixonado, enviou-lhe do Rio de Janeiro um retrato com a dedicatória : « Diz-vos meu coração, que se não fôr amado,/ Na cruz de vosso amor será sacrificado ;/ Como um coveiro a abrir num ermo a leiva escura,/ Cavará no meu peito a propria sepultura. » Encontram-se um ano depois, mas ela

38 Apelidado « o homem das mil caras », Chaney se destacou sobretudo a partir dos filmes *O Corcunda de Notre Dame* (1923), *O Fantasma da ópera* (1925), etc.

39 O maxixe, (também chamado *tango brasileiro*), criado por afrodescendentes, nasceu no Rio na segunda metade do século XIX. O shimmy criado, da mesma maneira, por afrodescendentes, mais ou menos na mesma época, nasce nos Estados Unidos. Popularizou-se nos anos 20 (alguns imigrantes veem nele antes marcas ciganas) como dança de revista musical ou de salão.

40 A segunda edição da novela sai em 1924. Nesse mesmo ano, Benjamin Costallat, a pedido do *Jornal do Brasil*, publica uma série de reportagens (crônicas) sobre os *bas-fonds* do Rio. Na quarta-feira 14 de maio de 1924 « O Tunnel do pavor » é publicado com ilustrações sugestivas (bacharel com dedo cortado pelos bandidos que, assim, lhe roubam o anel, etc.).

não cedeu, pois, o preconceito «Quantas vezes esmaga um affecto sublime » ! O jovem morreu e ela, arrependida, sente « o travo da saudade [...]/, « vivendo a suffocar a minha immensa dôr ». A Estrela Azul pronuncia o verso que remata a comédia : « Das três, só ella, foi quem conheceu o amor ! ». Este último verso parodia o último verso da *Ceia dos Cardeais* ; na disputa sobre a excelência do amor, depois de ouvir a história de Gonzaga, o sentimental cardeal português: « Em como é diferente o amor em Portugal / Nem a frase sutil, nem o duelo sangrento./ É o amor coração, é o amor sentimento. » o cardeal Rufo declara : « Foi ele, de nós três, o único que amou. »

No final do texto, numa nota destinada à representação da peça, Amador Santelmo insiste sobre a necessidade de escolher três mulheres com temperamentos artísticos diferentes:

talento trágico para a Estrela Azul, cômico para a Verde e dramático para a Branca. As três devem ter beleza, mocidade e « solida cultura theatral ».

Na crônica literária do *Jornal do Brasil* de 23 de outubro de 1929, a respeito do folheto, João Ribeiro escreve: « Não sei que effeito fariam no teatro deante do publico. Mas em verdade os versos recommendam-se pela correccão e delicadeza e facilidade no diálogo ».

A Ceia dos Canibais

O *Diário da Noite* de 6 de Outubro de 1942 anuncia um novo folheto:

O editor Angelo Delattre acaba de publicar a peça em um ato, em versos alexandrinos, de autoria de Amador Santelmo, inspirada em 'A Ceia dos Cardeais' uma crítica acérrima aos tiranos do 'eixo', que escrevem o mais doloroso transe despótico da História.

O pequeno libreto é intitulado 'A Ceia dos Canibais' e retrata fielmente a tríade dos mandantes do nazi-nipo-fascismo.

A edição é totalmente popular.

Uma publicidade para a *Ceia dos Canibais* sai ao longo do mês de outubro em *A Manhã*, *O Jornal*, *A Gazeta de Notícias*, *O Radical*, etc.

O folheto (13 x 17,5) de 32 páginas é vendido 2\$000⁴¹ (3\$000 pelo correio). O texto ocupa 26 p. : um trecho de *O Chá das Três Estrelas*, a trágica história de amor da Estrela Azul, intitulado « a Traição do Japonês »⁴² completa o livrinho. Como na paródia anterior, uma nota-épígrafe indica a fonte de inspiração. No verso da folha de rosto, uma autorização assinada ‘o autor’ declara a peça « livre de direitos autorais para representações em Gremios ou Sociedades que derem espetáculos gratuitos, ou pagos em benefício da Cruz Vermelha Brasileira [...] ».

Amador Santelmo põe em cena os três ‘tiranos’, Hitler, Mussolini e Hirohito “com óculos e fardado de Imperador condecorado”. Servem-nos três moças robustas (fâmulas) com túnicas negras onde se vê pintado um esqueleto branco, simbolizando a morte. As três têm nome significativo. Hitler é servido por Vitória, Mussolini por Vingança e Hirohito por Traição. Ouve-se uma voz fantasma no rádio. Quatro homens fortes representam a Gestapo. Estamos numa sala grande com porta ao centro com as três bandeiras entrelaçadas, sendo a da suástica no meio. À direita está o busto de Bismarque, à esquerda um rádio sobre um móvel vistoso. Numa parede está um planisfério do mundo arquitetado por Hitler, na outra, uma enorme cruz suástica. Estão sentados à mesa; Hitler no centro, Mussolini à direita e Hirohito à esquerda. As fâmulas trazem caveiras à guisa de canecas. Cada tirano tem seu prato predileto : Hitler, salchichas de Viena; Hirohito, arroz ao molho pardo e Mussolini, macarrão.

O autor, na escolha dessa « ceia de sangue » aproveita a atualidade. O Brasil cortou as relações diplomáticas com os países do Eixo depois da terceira Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas (Rio de Janeiro 15-28 de janeiro de 1942) e em agosto declarou a guerra à Alemanha

41 Desta vez, a moeda é o cruzeiro que substituiu o real nesse mesmo de 1942. Um cruzeiro equivale a um mil-réis.

42 O trecho foi bem escolhido já que o Japão, país do Eixo, é agora inimigo do Brasil.

e à Itália.⁴³A imprensa noticia todos os acontecimentos, as exações dessa guerra que ensanguenta o mundo, os crimes dos dirigentes que torturam os povos conquistados, etc. Um novo veículo de comunicação, a rádio, que se desenvolveu na década de trinta transmite também noticiários⁴⁴. Em 1935, aliás, surge a paródia *A ceia dos 'speakers'*,⁴⁵ livreto de Souza Filho que mostra bem a popularidade dos representantes dessa nova profissão. Em agosto de 1942, o radialista Renato Murce (1900-1987) da Rádio Clube do Brasil escreve um programa que ridiculariza Hitler, Mussolini e o primeiro-ministro japonês, o General Tojo em mais uma paródia da peça de Júlio Dantas (embaixador de Portugal no Brasil de 1941 a 1949), intitulada: *O Regabofe dos Vândalos*. O sucesso foi enorme, emissoras de São Paulo, do interior do país, pediram cópias para retransmitir⁴⁶. Renato Murce resolveu, então, editar a história em folheto (vendido 3\$000), venda em benefício da Cruz Vermelha Brasileira.⁴⁷

Indica “o ridículo é ainda a melhor maneira de se manifestar o desprezo pelo que de tuim e censurável nos cerca” e declara que aplica na peça o lema que sempre adotou : *Ridendo castigat mores*. Na distribuição temos Adolfo Fula Rita, vândalo mor, tarado e paranoico, Moço Lindo, “casquinha” mísero palhaço e Estojo

43 O Estado Novo de Getúlio Vargas simpatizava com o modelo fascista dos países do Eixo mas o torpedeamento de navios mercantes brasileiros e as propostas feitas pelos Estados Unidos de financiar a construção da Companhia Siderúrgica Nacional e de auxiliar a economia nacional (acordos de 3 de março) foram decisivos. No entanto, a FEB (Força Expedicionária Brasileira) só foi enviada para a frente de batalha em julho de 1944.

44 O ‘Repórter Esso’, programa apoiado pelo governo Vargas, cujo objetivo era divulgar as informações sobre a Segunda Guerra Mundial, realizou o primeiro noticiário de rádiojornalismo em 28 de agosto de 1941, na Rádio Nacional do Rio.

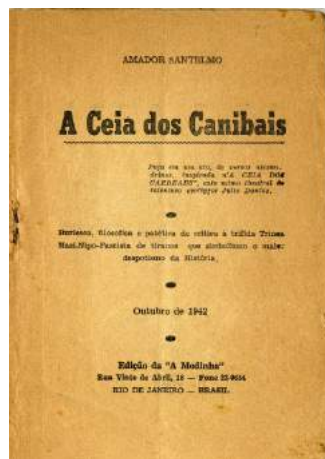
45 *A Ceia dos 'speakers'*, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1935 focaliza os três radialistas César Ladeira, Oswaldo Diniz Magalhães (conhecido como radioginasta) e Souza filho.

46 Gomes Filho na *Fon-Fon* de 19 de setembro de 1942 comentou a apresentação : « versos espontâneos, recheados de uma ironia contundente, tudo em linguagem bem acessível ao povo. » Renato Murce interpretava a figura de Mussolini, o locutor Néelson Nobre cuidou da fala do japonês e João de Freitas fez o papel de Hitler ; como chave, encarnando a « América », surgiu a voz de Olga Nobre. Quem estava no auditório vibrou de exaltação e patriotismo.

47 Cf. Doris Fagundes Haussen, *Rádio e política : tempos de Vargas e Perón*, 2ª edição, Porto Alegre, Edipucrs, 2001.

Sujo Nakara, amarelo, campeão da sujeira. Acrescenta : “qualquer semelhança com pessoas ou animais, por ora vivos, não será mera coincidência, e sim proposital”. A cena se passa na Europa Central depois de pantagruélico “regabofe” e muita bebida ; os personagens estão “escarrapachados” como suínos. No final do ato, um vulto de mulher grita :”Eu sou a livre América”. Evidentemente, notamos algumas analogias entre as duas paródias, o que parece normal, a temática sendo idêntica.

A folha de rosto de *A Ceia dos Canibais* menciona o mês de outubro ao lado da data (o que não é usual), certamente para evitar confusões.



A peça é qualificada de ‘burlesca, filosófica e patética de crítica’ aos tiranos do eixo. No decorrer dos diálogos, o leitor percebe que as iguarias são feitas de carne humana e que o vinho foi substituído por sangue. Hitler se delicia com sangue russo, o Duce só aprecia o sangue inglês e Hirohito o sangue americano. Os três comensais fazem alarde dos respectivos poderes e sobressai a megalomania de Hitler que pretende conquistar o globo, « arrasarei num dia o solo brasileiro ! ». Declaram-se « Três Canibais », « Três panteras cruéis, três monstros sem entranhas, /Sem alma e coração, sedentos de façanhas ! ». O rádio serve de contraponto, através de uma voz fantasma ora ouvida à parte, comentando e restabelecendo a ordem moral « Mas pela lei humana e pela lei do Eterno/Os três não de atingir os páramos do inferno ! », ora anunciando os últimos

acontecimentos « Fuzileiros navais de Tio Sam milhão / Tentaram assaltar as ilhas Salomão ! ». A linguagem coloquial e o cômico temperam o horror dos desígnios expostos. Hitler vai « meter inteiro o Churchill num tamanco », a China para Hirohito já « é galinha morta », a esquadra do Duce « é que nem pata choca », etc. Ouvido só por Vitória, o rádio anuncia « A Rafe vai mandar-te o seu maná do céu ! ». Hitler que desconfia das fâmulas (apareceu molho inglês na mesa !) chama a Gestapo. Mas de repente, ouve-se ronco de motores de avião. Os três fogem para o abrigo anti-aéreo (a caixa do ponto) mas o Duce que chegou primeiro, fica entalado pela enormidade de sua pança. Mussolini é a caricatura mais grotesca, sempre mastigando macarrão (intestinos de inglês com raspaduras de ossos) e misturando italiano e português. Na cena final, as túnicas das fâmulas caem e deixam aparecer na roupa branca : Vitória, Justiça e Democracia. Tudo desaparece para deixar lugar à praia do Flamengo cheia de destroços de naufrágios ; no fundo surgem as figuras de Getúlio ao centro, Roosevelt à direita e Churchill à esquerda. O último verso, pronunciado por Vitória, destaca-se pela rima isolada, « Brilhará sobre o mundo a Paz universal ! ».

O jornal *A Manhã*, de 9 de outubro, aconselha a leitura de *A Ceia dos Canibais* pela graça, a originalidade e pelo senso humorístico.

Amador Santelmo, como vimos, escreveu duas paródias ligadas à atualidade da época, num diálogo lúdico com o hipotexto, a primeira imitando forma e temática, a segunda mantendo apenas a forma.